

O PACAJÁ

JOHN W. LILLIBRIDGE (1857 DE ANOS) L. N. B. N. B. N. B.

REDACTOR — JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO 8 DE JUNHO DE 1862.

N. 3.

PARTI. RELIGIOSA.



Quando o fundador do Christianismo já havia consumado a sua celestia e trabalhosa missão, já havia sahido com seu precioso sangue as verdades Evangelicas, que ensinava aos homens, já emfim tinha subido glorioso e triumphante ao Céu, para entrar na posse dos magnificos premios, que havia alcançado quando no solemne dia de Pentecostes, estavão Nossa Senhora em oração com os Apóstolos e outras Sanctas mulheres, eis que se ouviu um grande ruido como de um vento feroz, que encheco toda a casa. Ao mesmo tempo appareceu no ar umas linguas de fogo, que pousava sobre a cabeça de cada um d'elles. Era o Divino Espirito Santo, que desceu sobre elles. Ficão todos cheios deste Espirito de sabedoria, e começaram a fallar diferentes linguas, segundo o mesmo Espirito os inspirava. Ficão desde então os Apóstolos novos homens, e cheios de fortaleza e sabedoria forão pregar por todo o mundo a doutrina de Jezus Christo, confirmando-a com milagres, com a santidade de sua vida, e com invencivel paciencia nos supplicios e tormentos.

Eu te saúdo o dia solemnissimo, do Pentecostes! Dia em que a religião de Crucificado, que estava, por assim dizer, circumscripção de hum pequeno circulo, começou a ter um rapido desenvolvimento porque esse Espirito consolador, derramando sobre o entendimento dos Apóstolos, que erão fracos, os transformou em astros luminosos, que diffundirão a luz do Evangelho por todos os paizes, e até as praias mais inhospitas. Muito embora os

Gentios desembrilharem a sua espada de fogo, muito embora a idolatria com o seu terrivel cortejo de males appresente suas medonhas difficuldades os Apóstolos de Christo enriquecidos com os dons celestiaes de sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza &c. e animados e acompanhados pelo Divino Espirito Santo pela terceira Pessoa da Trindade Sanctissima, não recuão um só passo e marchão impavidos pela terra infectada de erismos, a renovação, e conversão dos homens, convertam por saídos de paganismo, e tem o valor de entrar em triumpho em Roma com a cruz do Salvador, e batendo no Capitolio, derribão os ídolos, levantão um altar, o consagram, e a cruz ali collocada attalhe a arrogancia dos imperadores, que dizem asombrosos, como he que uns miseraveis pescadores, ousão ensinar uma religião tão contraria aos nossos interesses? Era o Espirito Santo, Deus como o Pai e o Filho, era o amor divino que a elle especialmente he attribuido, quem operava esses milagres. Que momentos preciosos esses em que o Divino Espirito desce a terra para renovar. Que Graças tão incomprehensíveis concedo aos pregadores das verdades eternas! Que suaves commoços sentem os Apóstolos que já não podem conter dentro de seus peitos as torrentes de doutrinas, e por isso dezejão reparti-las com os homens! He sim homens celestiaes; o Divino Espirito não quer abandonar-vos; vós começais agora avossa pignosa obra, que ha de atravessar os seculos; soffereis sim, porém crede no Espirito Santo, que ha de illuminar-vos sempre, e a Igreja ha de firmar-se como a rocha.



Litteratura.

PEDRO DE CORTONE.

— TRADUÇÃO DE SOARES. —

Um joven pastor de doze annos abandonou um dia o rebanho que haviam confiado a sua guarda, e foi a Florença onde elle não conhecia ninguém, a não ser um moço de sua idade quasi tão pobre como elle, e que, como elle, tinha sabido da villa de Cortone, para servir na qualidade de moço da cozinha do cardinal Sachetti.

Foi um fim mais nobre que conduziu Pedro à cidade de Florença, elle sabia que ali havia uma academia de bellas artes, uma escola de pintura, e o joven pastor queria ser pintor.

Pedro parou a porta do palacio do cardinal Sachetti e esperou com paciencia que monsenhor fosse servido para poder fallar a seu camarada Thomasso. Espertado muito tempo, afinal chegou o momento tão desejado da entrevista. — Ora eis-te ali, Pedro; e que vens tu fazer a Florença? Venho aprender a pintura. — Tu formas muito melhor em aprenderes como eu a cozinheiro; ao menos ha certeza de não morrer-se de fome.

Comes tu pois a qui a teu contento? lhe disse Pedro. — Eu creio bem, respondeo o moço da cozinha; está só em mim o ter indigestões todos os dias.

— Neste caso, continuou Pedro, nós poderemos nos entender; como tu tens demaziado e eu não tenho o necessario, eu te trago o meu appetite, tu me darás tua cozinha, e nós viveremos bem. — A proposta me agrada, disse Thomasso. — Pois amim agrade-me mesmô já, repetio Pedro; pois visto que não janta, nós vamos commessar desde agora o estallecimento que te vinha propôr.

Thomasso fez subir as escondidas o joven Pedro as aguas-furtadas onde elle o deitou, lhe offereceu a metade de seu pobre colchão, e lhe disse que esperasse, visto que elle não tardaria a voltar com alguns restos do jantar de monsenhor.

Não necessita dizer-se se o lanquete foi divertido; Thomasso tinha um coração excellente, e Pedro um appetite infernal.

Pedro não tinha nem meios de comprar lapis e papel; Thomasso não recebia ainda ordenado; mas os muros das aguas-furtadas erão brancos; Thomasso fornecia ao artista mais carvão do que elle podia gastar para debuxar seus esboços, e Pedro se poz coacposamente a encaroar as paredes.

Thomasso conseguiu arranjar uma moédinha de prata; então grande alegria: o artista teve lapis e papel. Sabia ao romper do dia, ia estudar os quadros nas igrejas; os monumentos nas praças; as paysagens nos arredores de Florença; e à noite com o estomago vazio, mas o espirito bem nutrido de tudo o que tinha visto, entrava furtivamente nas aguas-furtadas, onde elle era sempre certa de encontrar seu jantar prompto e escondido por Thomasso sob a palha do colchão, mais, por conservar a comida quente durante a ausencia de seu pensionista, do que por se furtar a vista dos curiosos.

Logo, sob dez annos mais correctos, desapareceu a encaroagem das paredes, Pedro tapizou com seus esboços mais perfeitos o quarto onde a amizade de uma criança lhe valia um tão generoso azilo.

Um dia o cardinal Sachetti, que mandava renovar seu palacio, visitou com o architecto os attos, onde

talvez elle nunca tinha subido; entrou no quarto do moço da cozinha.

Pedro tinha subido, mas seus numerosos dezenhos testemunhavam laborioso trabalho do joven que habitava esta morada; o cardinal, e o architecto foram surprezos do merito daquellas obras. Julgou-se a principio que fuisse Thomasso o author, e monsenhor o mandou chamar para dar-lhe os parabens de suas felizes disposições. Quando o pobre Thomasso soubo que monsenhor tinha entrado nas aguas-furtadas e que tinha visto o que elle chamava garatujas de seu amigo Pedro, se julgou perdido.

— Tu não és mais do numero dos moços de cozinha, » lhe disse o cardinal, que ignorava que o rapaz tivesse um pensionista. Thomasso, equivoco sobre o verdadeiro sentido de suas palavras, imaginou que o cardinal o expellia de suas cozinhas; então o pobre rapaz, que via sua existencia e a de Pedro muito comprometidas por aquelle acto de justiça servera, se lançou aos pés de seu amo, e lhe disse chorando: « Ah! monsenhor, que será de meu pobre Pedro se vos me despedis! » O cardinal exigio a explicação daquellas palavras que elle não comprehendia, e eis como elle soube que os dezenhos tinham sido feitos por um pobre pastor que Thomasso sustentava em segredo à dois annos. — Quando elle entrar esta tarde, tu o levarás à minha presença, » disse o cardinal rindo-se ainda do seu equivoco, e dando um generoso perdão a Thomasso.

Essa tarde o artista não appareceu no palacio do cardinal; passaram-se dois dias, quatro, e oito quinze sem que se ouvisse fallar de Pedro de Cortone. Em fim o cardinal, que se enteressava vivamente da sorte do joven artista, chegou a saber que havia quinze dias, os caridosos monges de um convento isolado tinham a colhido e retido entre elles um desenhista de quatorze a quinze annos que lhes tinha ido pedir permissão de copiar um quadro de Raphael que estava na capella do convento: este joven era Pedro. Foi reconduzido ao palacio do cardinal, que, recebendo-o com bondade, o collocou em uma escola dos melhores pintores de Roma.

Cincoenta annos mais tarde, havia dois velhos que vivião como irmãos em uma das mais bellas cazas particulares de Florença. Diria-se de um: este é o melhor pintor de nossa época; diria-se do outro: Este será o exemplo dos amigos em todos os tempos.

Horas de amor.

FOLHA SOLTA.

Brame, ó tempestade brame!
Tem encantos o teu rugir,
Embora o mundo mais ame
Dos astros brandos luzir.
Falla, falla-me de horrores,
A terra leva-lhe flores,
Rouba as estrellas ao ceu!
Que appareça a natureza
Sem misterio sem belleza!
Calra tudo escuro veu!

Silva Ferraz.

I.

Silencio! . . . atempestade começa a rugir!
Medonha escuridão cobre os bosques, e rolão no negro céu pesadas nuvens! . . . Horrivel e violento furacão, parece querer destruir a terra!

Ribombando vendaval sopra furioso . . . os vagalhões turbulentos e desastrosos atiraram-se a terra como querendo tragal-a ! tudo conspira-se contra a natureza que jazia calma !

Os ribombos horizontaes dos trovões ecoarão pelos vales, e vão abalando as montanhas e os estampagos se rasão nos ares . . .

Tudo abala ! tudo passa ! . . . tudo assombra e gella !

No rugir do mar e rumor da tempestade , os fogos dos raios . . . tudo brada—Deus !

E os estampagos dos trovões repercutindo nas montanhas faz ainda ellas ecoarem essa palavra sublime—Deus !

II.

Oh ! Zizina quantas inspirações vagueia-me na mente abacando como um véo, quando poesia não encerra a imaginativa obra da natureza ! . . .

La naquellas noites naquella vasta solidão de negaus e medonhas vagas onde em cada olhar encontra-se aberto um tumulo no grande reino de Nephtis , as orações das nautas sem rumo , vendo perdoar seu baikal em alto mar, essas jirezes fervorosas elevadas de corações arrependidos chogão ao grande amador da natureza.

Aqui ajoelhou-se uma virgem negligenciosamente vestida implora consistoria perdão !

—Cress ! exclama ella sentando o rumor do quebra do um raio que derruba o soberbo ceiro allem das montanhas !

E eu Zizina amada, inspirado por essas agitações do universo principio a escrever esta pagina que ha muito te prometti . . . Perdão ó grande Deus ! . . . se esta voz , parece uma blasfema . . . porém não . . . deste-me um coração , infundiste nelle uma essencia divina e pura e ensinaste-me a amar . . . perdão porque elle é puro, como é puro o fero das caupinas !

III.

Zizina a vontade de não escrever-te as paginas que te prometti é muita em te confesso . . . E mesmo para que podes querer as paginas arruandadas de meu coração, se nellas só existim saudades e gozades myrrados pela tempestade da vida ? . . .

Que queres fazer d'ellas ? . . .

Tomas animo de abrires o livro de minha alma e leas as paginas negaus escritas com sangue . . . tentais decifrar as palavras—amor e morte—escritas no nosso livro ? !

Não ! . . . não podes ver o fel que elle contem . . . nelle não ha flores nem risos porque o sopro do desengano os levou . . . ha só luto e este não pode misturar-se com galas . . . já visto, por ventura onde ha lagrimas de dor, haçar riso de prazer ? !

Não, não queiras ler as paginas negaus do meu livro . . . eu te posso, não quentas provar o fel horrível que nelle existe . . . por que isso matar-me-ha !

Para que recordar tristozza si eu ja sou tão triste ? Esculta , contentando com a nanação que vou fazer-te dos sonhos ledos que outrora , me douravão o quadro da vida ; contar-te-lhei tambem os sonhos em nome do fobro com a mente abraçada nas chamas ardentes de um amor louco, con-

tar-te-lhei meus queixumes onde bem podes ver o amor onde se limita.

O amor Zizina , é uma essencia divina emanada do Ente Supremo e tão pura como elle mesmo.

Aquelleque namia amou verdadeiramente com todo o fogo santo que elle inspira, não pogg nam a sentir o adeuto que elle transmite á creatura.

O verdadeiro amor, nunca pogg conceder outra ideia senão—pura e divina—puz nem mesmo pogg deixar de ser assim, pois' originou pela Divindade do creador, da natureza que tambem é o seu soberano author.

E infeliz é aquelle Zizina que não ama como deve: amar; infeliz se converte esse dom precioso do Creador que faz o homem remontar seus ideus a regiões heteras que o faz ensinar seu espirito pelo espaço infinito procurando um novo reino, um novo paraizo, um novo throno, uma nova vida, novos prazeres para offerecer a mulher escolhida pelos seus pogg gosar com elle essencialitas ; infeliz porque transformado em letthal veneno offerece a libar a taça transbordando esse veneno a mulher, que lhe surtiu, que lhe apparecer bella como um anjo, pura como adivindade, livre como o pensamento imacante como a bomba.

Ah ! Zizina quanto differença não existe entre o licor embriagante por sua pureza, com o fel venenoso e mortificante !

O primeiro emanado por Deus, cologa seus sectarios em um paraizo de delicias onde disfrutão eternamente o dom dessa essencia.

O segundo transformado por SATAN na figura de de um homem silenguento descido dos infernos cologa a victima que libou na taça o licor infernal, sobre a barra de um tribunal terrível, onde soffre a vergonha, angustia, o desprazo dos espectadores onde derrama arrependida lagrimas de sangue , onde ve apoplegia lançar-lhe um riso sarcastico do escarneo e apontar-lhe como o dedo—miservel !

Felizes somos nós Zizina amada, porque nos amamos como o mesmo fogo, porque nos amamos com verdadeiro amor e puro, tal como o recebemos do Creador.

Felizes somos nós porque nosso amor é extingui-vel e igual a elle não pogg hazer outro !

Qu'importa se um dia a tempestade reina em nosso coração ? . . . se um dia a soce invejosa do nossa ventura cobre de luto nossas almas ?

Por ventura essa tempestade, esse luto não será originado do estorimo zelo de um amante !

E onde tem elle origem ?

Não será no mesmo amor, nessa essencia divina e pura quando ella se acha ainda possuida daquelle verdadeiro fogo ?

E a prova Zizina, eu te mostro :

Olha, ve-aquelle clareo que lá desponha, naquella bello horizonte ? é um novo astro , que se assimilha a este sentimento do amor que nos faz tão felizes, que nos dá a paz as nossas almas, a nossos corações é elle o arco iris que a pós a tempestade vem annunci-ar a bonança.

Eu te saudco Arco da aliança !

A pouco Zizina, o função parreia derabur a terra, actava estalando nas calçadas, os raios cruzando-se nos ares, os ribombos dos trovões pelas montanhas . . . em fim tudo atterava a humanidade ! . . . masagusa lá s'ostenta fagueiro o arco da aliança !

E a natureza outra vez voltou á calma !

E a assim e a tempestade de nossas almas.

↑ o pinas

III.

Não achas qual sentimento que agora nutro por não poderes collocar tua mimosa mão de joão sobre meu peito para sentires o palpitar travesso de meu coração, neste momento que escrevo estas linhas.

E que idéas fazes deste palpitar? Attende que não é o mesmo palpitar d'aquella tarde serena em que te contemplei bella e candida como um seraphim.

Aquelle era poetico e medroso, mas este agora é nascido de uma virtude tambem pura como o escudo dessa tarde.

Era de tarde, me lembro
Estavas tu perto amim,
Bem longe do mundo triste
Em um formoso jardim.
E eu ardente de amor
Um oculo doce e suave
Der-te das labias affor,
E tu coraste, e da rosa
A rouca cor ressamou
A tua face mimosa
E assim quasi divina
Quasi anjo, quasi Virgem
Vendo-te se allumina,
Mud' alma, e todo fogo
Em outro tempo te dou
Mas qual ferida tu foge
Deitas de mim a fugir
E que talvez no luar
Do meus olhos e no uncinho
De meus sem suspensas
Que eu stava louca e creca
A fugir de mim te revase.

— Talvez me perguntes porque elle palpita agora? E eu te responderei: porque sente tua ausencia, pelo effeito da saudade, e pelo desejo de outro mundo.

Desterro, Maio de 1862.

CATHARINO CALENO.

Variedade.

O CIUME.

O Ciume é o calvario do amor. . . .

E' o veneno que actua sobre o coração mais fraco; e que deve a existencia á susceptibilidade de uma rasão pouco esclarecida. . . .

E' uma lima com que o amor desgasta o coração sensivel.

F. Eleuterio.

E' o crysol do amor.

Bracarencis.

E' um busca-pé que muitas vezes faz fugir o travesso Cupido.

Tavija

PENSAMENTOS.

Em amor a mulher virtuosa dis: *Não*; a apaixonada: *Sim*, a caprichosa: *Sim e Não*; a coquette: *Nem sim, nem não*.

Charles Bernardes.

O mundo é o mar que raras vezes se mostra sereno.

St. Agostinho.

A belleza sem graça é um anzol sem isca.

Ninon de Lenets, o

POESIA.

DOR.

Correi, amargas lagrimas,
Das palpebras cansadas,
Deixai-me os olhos humidos
Das dores já choradas;
Correi nas faces palidas,
O' lagrimas de dor!
Já lá foram-se os canticos
D' alma felicidade;
Delles agora resta-me
Sómente uma saudade
Passaram como os zephyros
Pela fanada flôr.

Lá foi-se a canção timida
De tempos mais ditosos;
Meu coração lacera-se
Em transe dolorosos,
E seccaram-se as lagrimas
Dentro dos olhos meus:
Olhares, risos tímidos
Poderam enganar-me,
E mil palavras perfidas
A cabam de prostar-me:
Mas uma esperança fica-me
Depositada em Deus

N.

Desterro